



Hotel e cinema: infraestruturas da modernidade na formação urbana de Santa Catarina

Hotel y cine: infraestructuras de modernidad en el desarrollo urbano de Santa Catarina

E3_05 - Ocio y entretenimiento en las ciudades iberoamericanas.
Prácticas, ideas y circulación de imaginarios en el siglo XX

Eduardo Venske

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo, Brasil
eduardo.venske@hotmail.com

Luis Eduardo Candeia

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
luis.eduardo.candeia@gmail.com

Resumo: Ao longo do século XX, hotéis e salas de cinema consolidaram-se como fonte de transformações importantes em cidades ao longo do globo. Embora a tipologia do hotel anteceda historicamente a modernidade, foi nesse período que passou a assumir novos usos e significados associados à vida urbana moderna, enquanto o cinema se afirmou como uma de suas expressões artísticas mais representativas. Nesse artigo, assume-se que esses equipamentos também são capazes de demarcar processos de urbanização e de expansão da modernidade sobre o território, atuando, frequentemente, como agentes precursores dessas dinâmicas, especialmente em localidades interioranas e/ou distantes das grandes metrópoles. Nessa perspectiva, o estudo tem como recorte empírico os processos de urbanização e modernização em Santa Catarina, a partir da implantação de hotéis e salas de cinema em alguns dos principais polos urbanos locais: Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages e Joinville. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica narrativa e em investigação em acervos, mídias digitais e hemerotecas. Os resultados alcançados demonstram que hotéis e salas de cinema atuaram como importantes marcadores da modernidade no Estado ao longo do século XX, incorporando inovações técnicas e linguagens arquitetônicas consideradas de vanguarda. Além disso, contribuíram de modo decisivo para a redefinição das paisagens urbanas e para afirmar simbolicamente o desejo de modernidade das cidades estudadas.

Palavras-chave: Modernidade; Urbanização; Hotéis; Cinemas de Rua; Santa Catarina.

Resumen: *A lo largo del siglo XX, hoteles y salas de cine se consolidaron como fuentes de importantes transformaciones en ciudades de todo el mundo. Aunque la tipología del hotel antecede históricamente a la modernidad, fue en ese período cuando pasó a asumir nuevos usos y significados asociados a la vida urbana moderna, mientras que el cine se afirmó como una de sus expresiones artísticas más representativas. En este artículo, se asume que estos equipamientos también son capaces de demarcar procesos de urbanización y de expansión de la modernidad sobre el territorio, actuando, con frecuencia, como agentes precursores de estas dinámicas, especialmente en localidades del interior y/o alejadas de las grandes metrópolis. Desde esta perspectiva, el estudio tiene como recorte empírico los procesos de urbanización y modernización en Santa Catarina, a partir de la implantación de hoteles y salas de cine en algunos de sus principales polos urbanos: Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages y Joinville. Metodológicamente, la investigación se fundamenta en una revisión bibliográfica narrativa y en la investigación en acervos, medios digitales y hemerotecas. Los resultados obtenidos demuestran que hoteles y salas de cine actuaron como importantes marcadores de la modernidad en el estado a lo largo del siglo XX, incorporando innovaciones técnicas y lenguajes arquitectónicos considerados de vanguardia. Además, contribuyeron de manera decisiva a la redefinición de los paisajes urbanos y a afirmar simbólicamente el deseo de modernidad de las ciudades estudiadas.*

Palabras-clave: Modernidad; Urbanización; Hoteles; Cines de calle; Santa Catarina.

Introdução

O início do século XX foi permeado por profundas inovações técnicas, urbanísticas e culturais, decorrentes das transformações desencadeadas pelas revoluções industriais e pelas novas formas de habitar e experimentar a cidade. A metrópole emergente tornava-se um laboratório de modernidade, marcada por infraestruturas inéditas, como a eletricidade, o transporte mecanizado e as redes de saneamento, que alteraram radicalmente a percepção do tempo, do espaço e do corpo urbano. Nesse contexto, planos de reforma como o de Haussmann em Paris consolidaram-se como paradigmas a serem replicados globalmente: grandes demolições, abertura de bulevares, criação de parques e o ordenamento funcional do traçado urbano transformaram a capital francesa em símbolo do urbanismo moderno, referência para cidades em busca de civilidade, progresso e visibilidade no cenário internacional. Essas intervenções inauguraram um novo cotidiano cosmopolita, no qual circulação, espetáculo, consumo e sociabilidade passaram a estruturar a vida urbana.

É nesse movimento de modernização dos espaços, dos hábitos e das sensibilidades que surgem equipamentos capazes de incorporar e difundir esse imaginário moderno. Entre eles, os hotéis e as salas de cinema de rua despontam como símbolos de uma nova cultura urbana. São espaços de encontro, lazer e circulação que, ao serem implantados nas cidades, conferiam-lhes um ar de modernidade, cosmopolitismo e inserção nas redes culturais globais.

Embora a modernização urbana do início e meados do século XX seja frequentemente analisada a partir de grandes obras e reformas urbanísticas, pouco se discute o papel de equipamentos culturais e de hospitalidade na construção simbólica da “cidade moderna”, especialmente em contextos interioranos que buscavam desvincular-se de uma identidade rural, entendida como marca de atraso. Diante disso, este artigo adota como recorte o Estado de Santa Catarina e investiga como a expansão desses equipamentos no território contribuiu para conferir às cidades catarinenses um caráter urbano e cosmopolita, participando da reconfiguração de seus modos de vida e de sua paisagem social e cultural.

A pesquisa se justifica pela importância de ampliar a compreensão da urbanização catarinense a partir de uma perspectiva que considere não apenas transformações físico-territoriais, mas também os processos culturais, simbólicos e de sociabilidade que moldaram a experiência urbana ao longo do século XX. Do ponto de vista metodológico, adota-se uma abordagem qualitativa, estruturada a partir de uma revisão bibliográfica narrativa, que permite compreender os processos de modernização urbana no Brasil e em Santa Catarina, bem como o papel de equipamentos culturais e de hospitalidade na construção da vida urbana. Essa revisão contempla autores das áreas da história urbana, sociologia da cidade, cultura e modernidade, além de estudos específicos sobre cinemas de rua, hotelaria e urbanização catarinense. Complementarmente, realiza-se uma análise de mapas históricos, visando identificar a localização, distribuição e permanências espaciais de hotéis e salas de cinema ao longo do tempo. O cruzamento desses materiais permite observar como esses equipamentos se inseriam no tecido urbano e como dialogavam com centralidades, eixos comerciais e áreas de expansão das cidades estudadas. A metodologia inclui também a análise de imagens, fotografias históricas, postais, plantas arquitetônicas e registros iconográficos, fundamentais para compreender não apenas a materialidade desses espaços, mas também as formas de apropriação, uso e representação que contribuíram para sua inserção na paisagem urbana. Por fim, foram efetuadas também pesquisas em sites, blogs, hemerotecas digitais e arquivos públicos e pessoais, fontes importantes para

reconstituir cronologias, localizar estabelecimentos já desaparecidos e acessar narrativas locais sobre a presença e o significado desses equipamentos.

Para tanto, foram selecionadas cinco cidades catarinenses como referências de comparação: Florianópolis, Blumenau, Joinville, Lages e Chapecó (Figura 1). Essas cidades representam diferentes matrizes históricas, econômicas e territoriais, oferecendo um panorama expressivo da diversidade urbana do estado. Tal diversidade territorial, que vai do litoral às áreas serranas e ao extremo Oeste, possibilita analisar como os modelos de modernidade, associados à hotelaria e ao cinema de rua, foram traduzidos, adaptados e ressignificados em diferentes realidades, contribuindo para compreender a pluralidade das experiências modernas em Santa Catarina.

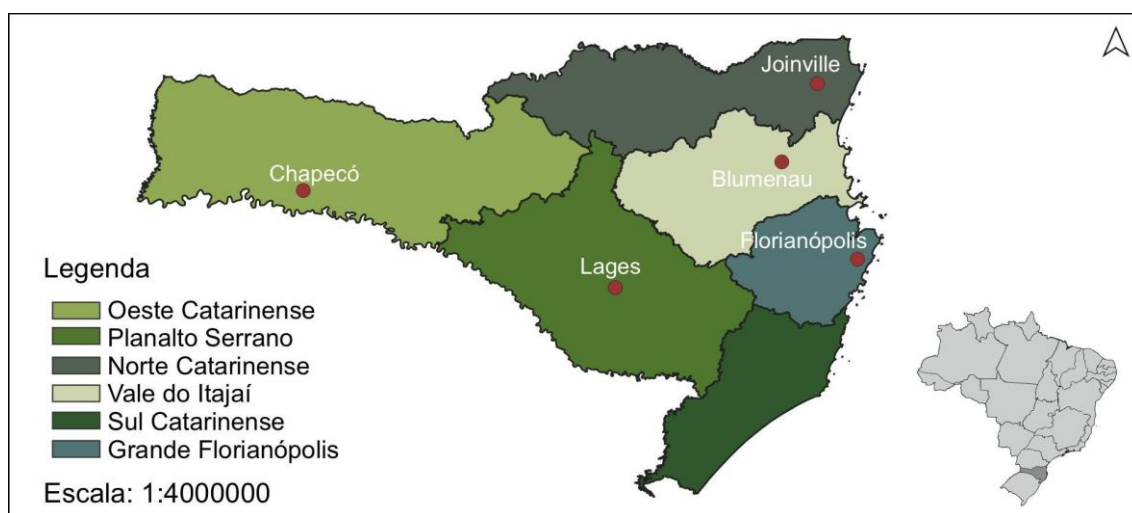


Figura 01: Cidades analisadas nas diferentes regiões do território catarinense Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Hotel e cinema: infraestruturas da modernidade

Muito se debate a respeito da invenção efetiva do cinema, com diferentes estudiosos reivindicando marcos e contribuições técnicas ao longo do século XIX. No entanto, é consensual que a primeira exibição pública de projeções filmicas ocorreu em 1895, no Grand Café do Boulevard des Capucines, em Paris, organizada pelos irmãos Lumière (Ferraz, 2014; Rosenfeld, 2009). A partir desse momento inaugural, o cinema rapidamente se popularizou, ocupando inicialmente espaços informais e improvisados, como praças, cafês, bares e feiras, onde a experiência cinematográfica era vivida de forma coletiva, ainda desvinculada de uma arquitetura própria. Contudo, não demorou para que surgissem as primeiras salas de cinema projetadas para esse fim, consolidando o cinema como uma prática urbana associada à modernidade. Essas salas passaram a integrar a experiência cinematográfica de maneira indissociável, articulando o conteúdo narrativo das películas, os efeitos da imagem em movimento e a ambiência técnica e estética dos espaços de exibição (Souza, 2007).

Charney e Schwarz (2004) afirmam que essa manifestação artística representa uma síntese exemplar dos atributos da modernidade, ao articular, em sua essência, tanto os avanços técnicos quanto os valores culturais emergentes dos séculos XIX e XX. Nesse sentido, o cinema combina os processos de modernização, entendidos como transformações tecnológicas e

produtivas, com as expressões do modernismo enquanto superestrutura cultural, conforme a leitura de Berman (2007).

As salas construídas especificamente para abrigar o cinema eram concebidas não apenas como espaços funcionais, mas como verdadeiros testemunhos da modernidade, evidenciados por meio de sua arquitetura. Frequentemente apresentavam elementos estilísticos do Ecletismo, do Art Déco ou mesmo do Modernismo, que conferiam aos edifícios um caráter simbólico e sensorial, ampliando a experiência do espectador para além da tela. Essa compreensão do espaço cinematográfico como extensão da linguagem fílmica reforça a ideia de que as salas de exibição não apenas acolhiam a nova arte, mas a encenavam materialmente por meio de sua forma construída. Pozzo (2018, p. 103) corrobora essa perspectiva ao refletir sobre o papel das salas de cinema como expressão arquitetônica da modernidade urbana:

“[...] a magia das exposições universais, as descobertas da ciência e o movimento das grandes cidades podiam ser experienciados nestas edificações, mediante sua própria materialidade e, evidentemente, as películas nelas exibidas.” (Pozzo, 2018, p. 103)

Diferentemente das salas de cinema, o surgimento dos hotéis é anterior ao fenômeno da modernidade; no entanto, segundo Paiva (2022), é na modernidade que essa tipologia passa por importantes transformações. Com o advento da cidade moderna, o uso exclusivo de hospedagem perde espaço para o “grande hotel”, caracterizado sobretudo pela fusão de múltiplos usos, em geral promotores de sociabilidade e de conexão com o modo de viver urbano e moderno, tais como salões para festas, áreas de lazer, restaurantes e cafés, além de espaços comerciais. Ademais, a localização estratégica desses estabelecimentos nas áreas centrais da cidade, implantados principalmente em lotes de esquina e junto aos limites da rua, demarcava uma posição de destaque na morfologia da urbe moderna (Paiva, 2022).

Nesse sentido, nota-se a importância do hotel na dinâmica social e urbana da modernidade, bem como o caráter híbrido que essa tipologia passou a assumir. A propósito, as principais mudanças do hotel moderno partem da setorização arquitetônica adotada para os edifícios: os níveis inferiores com áreas de uso comum e público, enquanto os pavimentos superiores abrigam os espaços de hospedagem. Em relação à linguagem arquitetônica, o hotel moderno associou-se significativamente aos arranha-céus norte-americanos; todavia, a composição formal tradicional (base, fuste e coroamento) permaneceu frequente até meados do século XX. Para além da promoção de uma linguagem estética atualizada, a construção de hotéis no último século desempenhou um papel fundamental na disseminação de inovações técnicas e materiais no setor da construção civil, como o uso do concreto, do ferro estrutural e do vidro, além de avanços tecnológicos, como sistemas de gás, telefonia e eletrodomésticos, entre outros (Paiva, 2022).

Cabe destacar que o hotel moderno não era um espaço destinado a qualquer público. Inicialmente, observa-se a existência de uma distinção social, uma vez que essas construções se caracterizavam por espaços luxuosos e, por conseguinte, eram destinadas a uma elite dominante. Tal constatação pode ser confirmada a partir da definição dos usos sociais incorporados aos hotéis e da localização privilegiada desses estabelecimentos na cidade, configurando o hotel como um agente de afirmação social. Ademais, é possível identificar que os serviços e usos incorporados ao hotel estavam, de modo generalizado, associados à figura masculina: bares, restaurantes, salas de convenções e espaços culturais; ou seja, “para os viajantes homens restava o privilégio de

usufruir da liberdade, dos prazeres mundanos e do anonimato que o hotel oferecia e reproduzia” (Paiva, 2022, p. 14).

Assim, à luz dos percursos históricos brevemente analisados, observa-se que salas de cinema e hotéis atuaram, cada um a seu modo, como dispositivos centrais de afirmação da modernidade urbana. Enquanto os hotéis concentraram inovações técnicas, novos programas de uso e linguagens arquitetônicas associadas ao cosmopolitismo, afirmando-se como marcos na morfologia das cidades, os cinemas introduziram uma experiência estética e tecnológica inédita, capaz de inserir os espectadores locais em um circuito cultural global em acelerada transformação. Implantados de forma estratégica em áreas centrais e revestidos de signos de atualidade, ambos os equipamentos contribuíram para deslocar a percepção urbana de um passado vinculado ao rural e ao atraso para a projeção de um futuro desejado, orientado pela novidade, pelo consumo e pelas práticas modernas de convivência. A seguir, apresenta-se um panorama desses equipamentos em cinco cidades catarinenses, selecionadas enquanto representantes dos distintos processos de urbanização e modernização do território.

Hotéis e cinemas na formação urbana de Santa Catarina

Florianópolis

Como capital do estado, a ilha de Nossa Senhora do Desterro foi um dos primeiros núcleos catarinenses a passar por transformações urbanas decorrentes da modernidade. Seu movimentado porto atraiu comerciantes e viajantes, gerando demanda por infraestruturas urbanas e serviços, tais como os espaços de estadia. Embora as primeiras iniciativas tenham ocorrido no século XIX, com a adaptação de edificações próximas ao porto, foi no início do século XX que esses estabelecimentos se expandiram de forma mais significativa, acompanhando a modernização da cidade, intensificada pela inauguração da Ponte Hercílio Luz (1926), que conectou a ilha com o continente e facilitou o acesso de pessoas e mercadorias (Santos, 2005).

Segundo Santos (2005), as características destes primeiros hotéis do século XX não divergiram daqueles do século anterior: partido horizontal com térreo comercial e pavimento superior reservado aos dormitórios sem banheiros individuais. Em 1932, é inaugurado o emblemático Hotel La Porta, com quatro andares e 180 apartamentos, de arquitetura eclética, de vanguarda naquele momento, e o primeiro estabelecimento hoteleiro com elevador no Estado¹ (Figura 02). Características como sua ornamentação, bem como sua privilegiada localização, em uma das esquinas da praça central da cidade e de frente ao tradicional Bar Miramar, exprimiam ares do cosmopolitismo incipiente. Ainda, os panfletos publicitários o promoviam como o mais moderno hotel do Estado, com um programa que contemplava bar, salão de refeições, lavanderia a vapor e rede telefônica (Figura 03) (Santos, 2005).

¹ O proprietário era o Sr. Ângelo M. La Porta, diretor da loteria de Santa Catarina. O prédio do Hotel pertencia a firma de André Wendhausen e foi projetado pelos irmãos e engenheiros Corsini, com supervisão do arquiteto Augusto Hubel. O estabelecimento foi desativado nos anos 1960, quando foi adquirido pela Caixa Econômica Federal. Em 1990 foi completamente implodido (Santos, 2005).



Figura 02: Cartão postal da década de 1960 (autor desconhecido). Fonte: Culleton, 2020.



Figura 03: Anúncio no Jornal O Estado, década de 1940. Fonte: Culleton, 2020.

É interessante ressaltar que, no momento de inauguração do La Porta e nas décadas seguintes, a região central da cidade passou por uma série de modificações a favor da concepção de imagem de cidade moderna e cosmopolita. Nesse contexto, são inaugurados, entre outros, os hotéis Majestic (1930), Metropol (1940), Central (1948), Lux (1950), Querência (1958), Royal (1960), Oscar (1960), City (1968) e Cruzeiro (1968). Estes estabelecimentos, além de ampliar a oferta de hospedagem, definiram novos pontos de encontro da sociedade florianopolitana. Cabe destacar o Hotel Lux e seu movimentado restaurante no mezanino, além do bar e café Ponto Chic², popularmente conhecido como Senadinho, tradicional ponto de encontro da capital naqueles anos (Santos, 2005). Outro atrativo destes estabelecimentos era o “piano-bar”, abertos também à comunidade local, onde instrumentistas apresentavam os maiores sucessos das rádios do período (ND Mais, 2020).

A primeira exibição cinematográfica em Florianópolis ocorreu em 21 de julho de 1900, no edifício onde atualmente funciona o Teatro Álvaro de Carvalho. Nesse mesmo local foi instalada a primeira sala fixa de cinema da capital, o Cine Theatro Variedades. Conforme explica Munarim (2009), o espaço abrigou posteriormente o Cine Royal e, em seguida, o Cine Odeon (Figuras 04 e 05).



Figura 04: Entrada lateral do Cine Odeon. Fonte: Acervo Casa da Memória de Florianópolis.



Figura 05: Teatro Álvaro de Carvalho e o acesso lateral para o Cine Odeon. Fonte: Floripêndio, 2010.

² O estabelecimento foi fechado pela primeira vez em 2004 e reaberto no ano seguinte, após pedidos da população local. Em 2019, o local foi fechado e reaberto em 2020 e novamente em 2021.

Outros cinemas foram inaugurados ao longo dos anos, concentrando-se principalmente na região central da cidade, nos arredores da Praça XV de Novembro. Destacamos aqui o Cine Palace, de 1931, o Cine Rex (Ritz), em 1935, e em 1939 o Cine Imperial (Coral e Carlitos). Assim como os hotéis, estes estabelecimentos buscavam a modernidade a partir de sua arquitetura suntuosa, tapetes e cortinas de veludo, poltronas estofadas, bem como sua localização central, e fundamentalmente, a função exibidora.

Para além da proximidade geográfica entre hotéis e salas de cinema na região central, a relação entre as duas atividades evidencia-se pela atuação simultânea de empresários em ambos os segmentos. Exemplo dessa dinâmica é a família Daux, proprietária de estabelecimentos de hospedagem, como o Hotel Majestic, e de cinemas como o Cine Centro Popular, o Rex/Ritz e, posteriormente, o emblemático Cine São José, inaugurado em 1954, com mais de 900 lugares. Outro caso relevante é o Cine Cecomtur, inaugurado em 1975 nas dependências do Hotel Cecomtur, integrando ambas as atividades na mesma edificação no centro da cidade (Munarim, 2009).

Blumenau

Blumenau figura como outro importante pólo de desenvolvimento urbano do Estado catarinense, sobretudo por conta da expressiva indústria têxtil que se desenvolveu na região desde fins do século XIX. A prosperidade industrial fez da localidade a "mais importante cidade catarinense quanto à modernização", apresentando-se como pioneira em diversos segmentos (Teixeira, 2009, p. 141).

A expansão industrial fomentou o intercâmbio comercial na localidade e, conseqüentemente, a demanda por espaços de hospedagem, sobretudo para aqueles que visitavam a cidade com fins comerciais. É neste cenário que é inaugurado, em 1901, o Hotel Holetz (Figura 06), o maior empreendimento de hospedagem até o momento. O casarão eclético distinguia-se na paisagem por suas grandes dimensões, além da fatura de detalhes e ornamentação de suas fachadas com cimalkas, frontões e lambrequins. Assim, passou a ser um dos edifícios de maior destaque, sobretudo por sua localização estratégica junto ao porto municipal.

Logo após sua inauguração, o salão do hotel passou a sediar exibições cinematográficas que já aconteciam de modo itinerante na cidade. Em 1919, o espaço consolidou-se como Cine Busch, mas ainda vinculado ao hotel. É apenas em 1940 que o cinema ganha uma edificação própria, em estética art déco e com capacidade para 1.200 espectadores, no terreno adjacente ao Holetz (Figura 07). Paralelamente, outras salas de cinema foram abertas na cidade, como o Cine Mogk (1941), Cine Garcia (1941), Cine Blumenau (1951), Cine Farol, entre outros. Para além da cidade, a atividade se tornou um "elemento de sustentação e expansão econômica" para toda a região do Vale do do Rio Itajaí-Açú, que se constituiu com a maior rede exibidora de Santa Catarina (Pozzo e Muller, 2024, p. 03).³

³ A pesquisa de Muller (2022) analisa o fenômeno do cinema na região do Vale do Rio Itajaí-Açú a partir do pioneirismo de Blumenau. Nesse contexto, observa-se a recorrente apropriação dos salões de hotéis para as primeiras exibições cinematográficas, como ocorreu, entre outros casos, com o Cinema Moderno (1912), em Brusque, e com as exibições iniciais nas cidades de Gaspar e Pomerode, realizadas, respectivamente, nos salões dos hotéis Wehmuth e Pomerode, entre outros.



Figura 06: Hotel Holetz em Blumenau.
Fonte: Boina, 2019.



Figura 07: Cine Busch adjacente ao hotel Holetz.
Fonte: Antigos, 2018.

Acompanhando as tendências modernizadoras do período, o Hotel Holetz foi demolido em 1957, impulsionado pelo anseio de estabelecer um novo marco visual no horizonte urbano. No mesmo terreno, inaugurou-se, em 1962, o Grande Hotel Blumenau (Figuras 08 e 09), edifício de arquitetura modernista que reforçou o caráter cosmopolita da área. O empreendimento introduziu referências estéticas e soluções formais inéditas na cidade, contribuindo de modo significativo para a renovação urbana. Destacava-se seu programa funcional diversificado, que incluía restaurante, bar, salões, galeria comercial, agência bancária, terraço-jardim e piscina, atributos que lhe conferiam o status de “maravilhoso centro social” e “ponto de convergência do mundo social da cidade e dos homens de negócio”, conforme indicado em seu material publicitário.



Figura 08: Grande Hotel Blumenau.
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

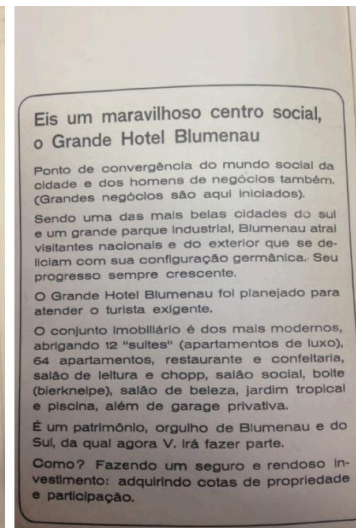


Figura 09: Panfleto do Grande Hotel Blumenau.
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Chapecó

Localizada no oeste de Santa Catarina, Chapecó foi marcada por conflitos, como a Guerra do Contestado, o que resultou em um processo de colonização tardio e na consolidação de seu núcleo urbano apenas em 1917. Seu crescimento esteve associado à venda de terras loteadas a migrantes descendentes de italianos e alemães, cuja base econômica se estruturou na agricultura de subsistência e na extração madeireira. A comercialização dos excedentes produtivos, aliada à implantação de conexões ferroviárias e rodoviárias que atravessavam a região, intensificou o fluxo de viajantes e ampliou a demanda por espaços de hospedagem na cidade (Santos, 2000).

É neste cenário, que o empresário Achylles Tomazelli inaugura o Hotel Ideal (Figura 10), em 1946, sendo o primeiro em alvenaria na cidade. Localizado em uma esquina privilegiada da malha urbana, com singelos traços art-déco, esta hospedaria segue em funcionamento até a contemporaneidade. É interessante destacar as ações de Achylles visando a urbanização de Chapecó, visto que o empresário foi pioneiro na distribuição de energia elétrica pela cidade, além de ser o proprietário da primeira sala de cinema.

O Cine Ideal, foi inaugurado no mesmo ano do hotel homônimo, mas com arquitetura vernacular, um galpão de madeira, destoante da solidez da alvenaria da hospedagem. Com 200 lugares, figurava como uma das únicas opções de entretenimento, atraindo o movimento da região (Thies, 2016). São interessantes os relatos do primeiro contato desta população com a sétima arte, pois afirma-se que na película projetada havia uma cena de chuva, e, de imediato, vários espectadores retiraram-se da sala para cobrir suas montarias, ao relento do lado de fora (Frigeri e Zordam, 2010, apud Florêncio, 2015).

Em 1957, os filhos de Achylles inauguraram o segundo Cine Ideal (Figura 11), adjacente ao hotel da família, ambos em estilo art déco, com o objetivo de representar uma ideia de vanguarda urbana por meio da arquitetura. Sua localização, além de concentrar os empreendimentos familiares, reforçava a construção de uma imagem de núcleo urbano modernizado, alinhado aos “mesmos padrões homogeneizantes da civilização ocidental moderna de desconstrução do rural, que era sinônimo de atraso” (Nodari, 2009, p. 75). Posteriormente, em 1973, a família inaugurou o Cine Astral, de linguagem modernista, com 990 lugares, poltronas estofadas e ar-condicionado, voltado às classes mais altas, em contraste com o público operário do segundo Cine Ideal (Thies, 2016).

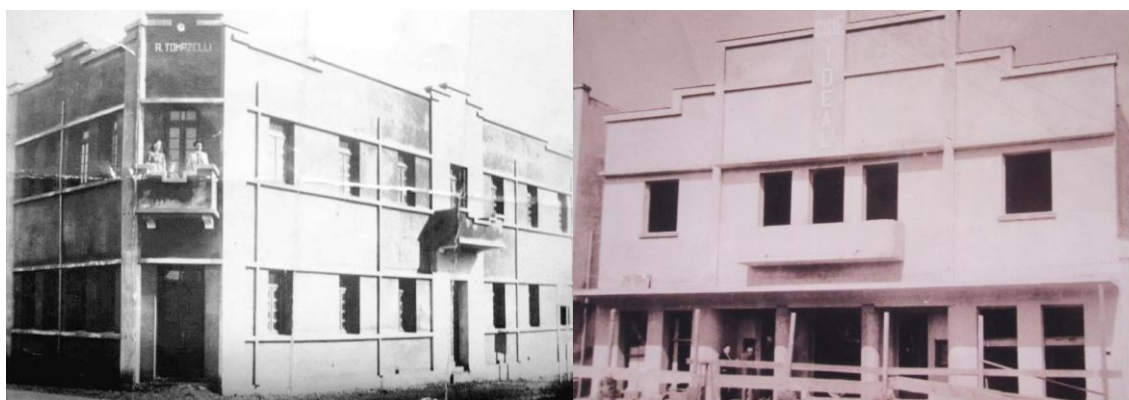


Figura 10: Hotel Ideal em Chapecó.
Fonte: DI Regional, 2020.

Figura 11: Cine Ideal em construção em 1954.
Fonte: Thies, 2016, p. 32.

Lages

Desde sua emancipação, Lages estruturou sua economia na pecuária, formando uma elite local interessada em alinhar-se à modernidade urbana. A partir da década de 1930, a implantação dos códigos de postura passou a ordenar a cidade por zonas e a estabelecer parâmetros construtivos associados ao ideário moderno (Costa, 2022). Nas décadas seguintes, a exploração da madeira de araucária impulsionou transformações socioeconômicas, promovendo crescimento populacional e a expansão urbana, com a incorporação de edificações de léxico moderno, especialmente em linguagem art déco (Teixeira, 2009).

Nesse contexto ocorreram as primeiras exhibições cinematográficas, inicialmente realizadas em teatros. A atividade consolidou-se com o empresário português Mário Augusto de Sousa, que, em 1926, modernizou o Teatro Municipal e fundou a empresa Mário A. de Sousa Ltda., responsável pela exibição de filmes mudos acompanhados por orquestra. Em 1927, Sousa inaugurou o Cine Teatro Carlos Gomes, projetado por Wolfgang Ludwig Rau, com maquinário moderno e exibição antecipada de lançamentos internacionais. Em 1947, também de autoria de Rau, foi inaugurado o Cine Teatro Marajoara, marco arquitetônico da cidade, com 480 lugares e programação voltada às classes mais altas, enquanto o Carlos Gomes passou a atender o público popular. O Marajoara sediou, em 1976, o primeiro Festival Brasileiro de Cinema, foi tombado pelo IPHAN em 1997 e restaurado em 2000, funcionando atualmente apenas como teatro (Lavoura, 2013).

Outros cinemas consolidaram a vida cultural lageana. Em 1948, foi inaugurado o Cine Teatro Tamoio, de Roberto Ferreira, também projetado por Rau, com 900 lugares e estética inspirada na cultura indígena, hoje tombado e ocupado por uma igreja. Em 1956, é aberto o Cine Avenida (ou Cine Coral), com 1.058 assentos e apartamentos nos andares superiores, sendo o único localizado fora do centro. Em 1962, Mário Leopoldo dos Santos adquiriu a empresa de Sousa e criou a Empresa Lageana de Cinema e Teatro Ltda., expandindo a exibição com grandes distribuidoras nacionais. Dois anos depois, inaugurou o Cine Marrocos (Figura 12), projetado por Rubens Meister em linguagem moderna, com 1.012 lugares e tombado em 1998. Na década de 1970, Mário e seus sócios fundaram a Organização Mário Santos, origem da atual rede Arcoplex Cinemas (Munarim, 2009).

Nos anos 1950, a cidade já estava equipada com estabelecimentos de sociabilidade típicos da modernidade; no entanto, a ausência de um imponente hotel era apresentada enquanto uma “grande lacuna” da região que se modernizava. Segundo um dos principais jornais da cidade, a “encantadora e progressista [cidade] do planalto catarinense” apesar de suas construções modernas que “se constroem aqui e acolá causando aos forasteiros a mais nítida impressão de progresso e modernismo”, ainda não possuía hotéis; fato esse que motiva a fundação da Companhia Serrana de Hoteis, instituída pela Construtora Comercial em 1952. O primeiro ato da Companhia seria a construção “de um dos mais modernos, higiênicos e confortáveis hotéis do sul do País - o Lages Hotel” (Correio Lageano, 7 junho de 1952).

A construção do Lages Hotel, posteriormente denominado Grande Hotel Lages (Figura 13), teve início em 1951, com aceleração das obras a partir do ano seguinte. O projeto, elaborado pela Construtora Comercial, previa 107 quartos e 16 apartamentos, além de áreas de estar, salão de refeições, bar, barbearia e pátio interno, bem como infraestrutura moderna, como rede de água quente e fria, elevadores, serviços de cozinha e lavanderia e telefone nos aposentos. Considerado pela municipalidade um empreendimento estratégico para a modernização urbana, o edifício recebeu isenção de impostos por dez anos (Correio Lageano, 7 jun. 1952).

O hotel foi inaugurado em 1955, com a conclusão inicial apenas do bloco horizontal, sendo a obra integral finalizada em 1963. Desde a inauguração, o estabelecimento tornou-se espaço para grandes eventos da municipalidade e para a hospedagem de personalidades ilustres, como a Miss Santa Catarina, que visitou a cidade em 1956 (Costa, 2022).



Figura 12: Cine Marrocos.
Fonte: Lages Antiga, 2024a.



Figura 13: Grande Hotel Lages.
Fonte: Lages Antiga, 2024b.

Joinville

Joinville, município com a maior densidade populacional de Santa Catarina (IBGE, 2023), teve uma trajetória cinematográfica marcada pela diversidade e transformação de suas salas ao longo do século XX. O primeiro registro remonta a 1909, com os cinematógrafos itinerantes Sylla e Apolo, seguidos pela inauguração do primeiro cinema permanente, o Cine Guarany, em 1911, na Rua Nove de Março (Britto, 2015). No ano seguinte, Austergilio Menezes fundou o Cine Floresta, e em 1913 surgiu o Theatro Nicodemus, posteriormente renomeado Cine Palácio em 1943, considerado o principal cinema da cidade por décadas, devido sua imponência e posição central na malha urbana (A Notícia, 1991). Após sucessivas reformas e mudanças de gestão, o Cine Palácio encerrou suas atividades em 1995, sendo posteriormente tombado e adaptado como templo religioso. Outros espaços marcaram a vida cultural joinvilense, como o Cine Paramount, inaugurado em 1929, local da primeira exibição de filme falado na cidade, reconstruído como Cine Rex após incêndio e definitivamente fechado em 1950 (Britto, 2015).

Porém, um dos casos mais emblemáticos para o argumento aqui construído está no Cine Colon (Figura 14). Inaugurado em 1956 e localizado em frente à Praça Nereu Ramos, tornou-se rapidamente o principal cinema da cidade. Sua construção ocorreu simultaneamente à do Hotel Colon, de mesmo proprietário, embora este tenha sido inaugurado apenas em 1963. Ambos os edifícios foram projetados pelo arquiteto Rubens Meister, também autor do Cine Marrocos, em

Lages. Especializado em cinemas e casas de espetáculo, Meister concebeu para o Cine Colon um projeto luxuoso e moderno para a época, com 1.200 assentos e sistema de refrigeração. O hotel, por sua vez, foi inaugurado em 1963, com 50 quartos em seus sete pavimentos, além de lojas voltadas para a rua, estrutura aparente recuada em relação à fachada principal e pé-direito elevado, elementos considerados inovadores naquele período (Figura 15). O cinema encerrou suas atividades em 1983, após um incêndio destruir suas instalações, e o hotel permaneceu em funcionamento até 2021 (Vicente; Lamas; Marmo, 2024).



Figura 14: Cine Colon. Fonte: Quariniri, 2022.



Figura 15: Hotel Colon. Fonte: Wilson, 2022.

Considerações finais

A análise promovida neste artigo indica que hotéis e salas de cinema funcionaram como importantes marcadores do cosmopolitismo que adentrou Santa Catarina ao longo do século XX, incidindo diretamente sobre as práticas cotidianas, as formas de sociabilidade e a configuração das paisagens urbanas. A modernidade associada a esses equipamentos manifestou-se tanto na incorporação de inovações técnicas, como projetores atualizados, ar condicionado, mobiliário mais confortável e programas funcionais ampliados, quanto na constante renovação de suas linguagens arquitetônicas, alinhadas a correntes estéticas consideradas de vanguarda em seus respectivos períodos. Ainda que esse processo tenha ocorrido de maneira desigual entre cidades litorâneas e interioranas, observa-se que, em distintos contextos, a articulação entre hotéis e cinemas contribuiu para a afirmação simbólica de um ideal de modernidade das cidades catarinenses.

Ao tratar esses equipamentos enquanto marcadores de modernidade, e não apenas empreendimentos comerciais, o estudo evidencia como práticas de lazer e infraestruturas de hospedagem contribuíram para a consolidação de uma identidade urbana projetada, desejada e performada. Nesse sentido, a pesquisa contribui para a compreensão das transformações sociais e culturais que acompanharam a urbanização no Estado, oferecendo uma leitura sobre os modos pelos quais a modernidade foi construída, apropriada e vivenciada nas cidades catarinenses.

A comparação entre Florianópolis, Blumenau e Joinville, por um lado, e Lages e Chapecó, por outro, revela distintas dinâmicas de incorporação da modernidade urbana. As primeiras, marcadas por processos de modernização mais precoces e maior inserção em redes econômicas e culturais vinculadas ao litoral e ao Vale do Itajaí, concentraram hotéis e cinemas mais antigos, de maior porte e com maior elaboração arquitetônica. Em contraste, Lages e, sobretudo, Chapecó, inseridas em contextos de urbanização mais tardia e base econômica predominantemente agropecuária, apresentaram equipamentos mais simples e implantados posteriormente, evidenciando formas diferenciadas de apropriação do ideário moderno conforme os contextos regionais.

Ao se difundirem pelo território catarinense, o cinema e a hotelaria possibilitaram a inserção da população local em circuitos mais amplos de circulação de imagens, valores e referências estéticas, conectando essas cidades a um movimento global de renovação simbólica, material e cultural. Dessa forma, tais equipamentos não se limitaram à condição de edifícios isolados, mas atuaram como catalisadores de novas experiências urbanas, influenciando comportamentos, modos de sociabilidade e formas de pertencimento.

Referências

ANTIGOS, Viver de Carros. Cine Busch e hotel Holetz. Blumenau, 09 mai 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=602647533432158&id=133585303671719&set=a.133677150329201>. Acesso em: 5 nov. 2025.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar. SP: Companhia das Letras, 2007.

BOINA. Antigamente: a majestade do Hotel Holetz, a imponência do Grande Hotel e a infeliz decadência. Blumenau, 02 de set. 2019. Disponível em: <https://blogaboina.com.br/editorias/antigamente-em-blumenau/antigamente-a-majestade-do-hotel-holetz-a-imponencia-do-grande-hotel-e-a-infeliz-decadencia/>. Acesso em: 5 nov. 2025.



BRITTO, C. O. Entre raízes: as salas de cinema no Brasil e em Joinville. Trabalho de Conclusão de Curso (Publicidade e Propaganda) - BOM JESUS/IELUSC, 2015.

CHARNEY, L; SCHWARTZ, V. R. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CORREIO LAGEANO. Jornal. Edição de 07 de junho de 1952. Acervo Hemeroteca Digital Catarinense.

COSTA, M. E. Reinterpretar a modernidade: proposta de reabilitação do edifício do Grande Hotel Lages como casa de apoio a pacientes em tratamento e familiares. 2022. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, 2022.

CULLETON, B. Vídeo – A implosão, em 1990, do icônico Hotel La Porta, no Centro, que hospedou o comunista Luís Carlos Prestes. Floripa Centro, 29 ago. 2020. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/video-a-30-anos-da-implosao-do-iconico-hotel-la-porta-no-centro-que-hospedou-o-comunista-luis-carlos-prestes/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

DI REGIONAL. Memória Chapecó: o pioneirismo de Achylles Tomazelli. Chapecó, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://diregional.com.br/colunistas/ronda-politica/memoria-chapeco-o-pioneirismo-de-achylles-tomazelli>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FERRAZ, T. G. Espectação cinematográfica no subúrbio carioca da Leopoldina: dos "cinemas de estação" às experiências contemporâneas de exibição". Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 236 p. 2014.

FLORÊNCIO, C. B. Projeto de Documentário Memórias de uma Sala Escura. Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2015.

FLORIPÊNDIO. Cinemas de rua de Florianópolis. Florianópolis, 8 jun. 2010. Disponível em: <http://floripendio.blogspot.com/2010/06/cinemas-de-rua-de-florianopolis.html>. Acesso em: 5 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: resultados preliminares e definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LAGES ANTIGA. Cine Marrocos. Lages, 18 jun. 2024a. Instagram: https://www.instagram.com/lagesantiga/p/C8Xvgarvhfl/?img_index=1. Acesso em: 5 nov. 2025.

LAGES ANTIGA. Grande Hotel Lages. Lages, 12 fev. 2024b. Instagram: https://www.instagram.com/p/C3Q3PFdvw8D/?img_index=1. Acesso em: 5 nov. 2025.

LAVOURA, C. A. V. O poder simbólico das artes: teatro e cinema nos tempos da Princesa Serrana. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2013. 255 p. ISBN 9788576620731.

MUNARIM, U. Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura. Florianópolis, 2009.

ND MAIS. Relembre os hotéis com piano-bar em Florianópolis, comuns dos anos 1950 aos 1970. 15 fev. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/musica/relembre-os-hotéis-com-piano-bar-em-florianopolis-comuns-dos-anos-1950-aos-1970/>. Acesso em: 30 out. 2025.

NODARI, E. S. Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina.



Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

PAIVA, R. A. O hotel na modernidade: metamorfoses de uma tipologia arquitetônica híbrida. In: *Oculum Ensaios*. Campinas, vol. 19, e224889, p. 1-23, 2022.

POZZO, R. R. A cotidianidade do cinema. *CONTRACAMPO* (UFF), Niterói, v. 36, n.3, pp. 85-111, 2018.

POZZO, R. R. MULLER, Y. L. Culturas transnacionais: cinema, migração e identidade no Vale do Itajaí nas primeiras décadas do século XX. *Revista Nupem*, v. 16, nº. 38, pp. 1-23, 2024

QUARINIRI, S. Memórias do Colon: joinvilenses lembram histórias do hotel que fechou após 58 anos. *NSC Total*, Joinville, 29 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/memorias-do-colon-joinvilenses-lembram-historias-do-hotel-que-fechou-apos-58-anos>. Acesso em: 09 dez. 2025.

ROSENFELD, A. *Cinema: arte & indústria*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SANTOS, F. M. Uma análise histórico-espacial do setor hoteleiro no núcleo urbano central de Florianópolis (SC). 2005. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2005.

SANTOS, S. C. (org.). *Santa Catarina no século XX: ensaios e memória fotográfica*. Florianópolis: Ed. Da UFSC: FCC Edições, 2000.

SIMIS, A. Marcos na exibição de filmes no Brasil. *Políticas Culturais em Revista*, v. 10, n. 2, p. 37, 2017.

SOUZA, C. R. Raízes do Cinema Brasileiro. *Revista ALCEU* (PUC-Rio), Rio de Janeiro, v.8, n.15, pp. 20-37, jul./dez. 2007.

TEIXEIRA, L. *Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina – 1930-1960*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

THIES, J. C. *Cine Astral: uma história para recordar na cidade de Chapecó (SC)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - UNOCHAPECÓ, 2016.

VICENTE, T; LAMAS, N. C; MARMO, A. R. *Arquitetura Moderna em Joinville (SC): Roteiros como proposta de intervenção e valorização arquitetônica*. In: *Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate*. [S. l.], v. 10, n. 1, p. 123–146, 2024.

WILSON, L. *Grandes nomes da arquitetura catarinense [recurso eletrônico]: arquitetura moderna*. Florianópolis: Santa Editora, 2022. ISBN 978-65-87893-09-9.